

O PAPEL DA MÍDIA E DA ESCOLA NA FORMAÇÃO DA IDENTIDADE DO ALUNO JOVEM E ADULTO NEGRO: PONTO DE ENCONTRO E DESENCONTRO

Elizabeth Maria da Silva¹

Justificativa

Na minha experiência como professora de Educação de Jovens e Adultos (EJA), em várias situações, presenciei momentos de auto-negação identitária (MUNANGA, 1999, FERREIRA, 2007). E essas atitudes vindas dos próprios alunos negros. Numa das situações quando em uma aula falei: “nós que somos negros”, uma aluna me pediu a fala e interrogou: “*Professora! Por que a senhora esta me chamando de negra? “Eu não quero ser parecida com o que somente é comparado com o que não presta”!*”

A partir dessa observação me veio a pergunta: Por que estes alunos negam a sua identidade racial, se a maioria tem características da raça negra? Com base neste questionamento e de pesquisas que já havia desenvolvido com o tema “A influência da mídia (telenovela) na Educação Escolar de Jovens e Adultos”² e a “Representação do negro no jornal de Pernambuco: Uma análise crítica”³ decidi desenvolver a pesquisa em tela sobre o papel da mídia e da escola na construção da identidade do aluno jovem e adulto negro. O objetivo é identificar quais os elementos utilizados pela escola e pela mídia para lidar com as questões de raça, uma vez que estes são espaços de construção e desconstrução de identidades.

Nesta pesquisa a escola tem um papel fundamental no que se refere à produção de identidades multidimensionais, especialmente de raça. Nesse sentido, nos associamos a Carvalho (2004) quando afirma a partir de um diálogo com Muchail (2005) que

a Escola funciona através de um poder polimorfo que envolve operações de classificação, avaliação, recompensa, punição, estabelecimento de normas, produção de saberes, vigilância e registro de saberes e de geração de outros saberes, inclusive extração de saberes de indivíduos e de elaboração de saberes sobre esses indivíduos (CARVALHO, 2004, p. 285).

A mídia pode ser entendida como “o equipamento técnico que permite aos homens comunicar a expressão de seu pensamento quaisquer que sejam a forma e a finalidade desta expressão” (BALLE, 1995). Segundo Gonnet (1997, p. 16) existem várias tipos de mídias que se referem às instituições, gêneros e técnicas. Estudos recentes, no entanto, indicam que a mídia tem papel relevante na produção de identidades sociais e culturais (FISCHER, 2003, SCHWARCZ, 2001, KELLNER, 2001, MUNANGA, 1999, SODRÉ, 1996).

Introdução

Sabe-se que com o surgimento da televisão novos valores vêm sendo disseminados na cultura Brasileira contemporânea, dentre eles, o de branqueamento

¹ Professora, Pedagoga e Jornalista. É pós-graduada pela Universidade Federal de Pernambuco.

² Pesquisa apresentado, em 2007, no curso de jornalismo da Universidade Católica de Pernambuco.

³ Monografia apresentada ao Departamento de Comunicação Social da Universidade Católica de Pernambuco, em 2008, sob a orientação do professor, Nadilson Silva, para obtenção do título de graduação em comunicação social com habilitação em jornalismo.

(MUNANGA, 1999, SCHWARZ, 2001 E FERREIRA, 2007). Embora havendo vários debates sobre ações afirmativas e leis contra o racismo e o preconceito racial, os programas televisivos e a mídia em geral trazem, ainda, em sua maioria, o negro em condições de inferioridade, seja na telenovela, comerciais, filmes ou nas diversas mídias.

É neste sentido que as imagens construídas sobre os afros descendentes, no Brasil, são produzidas no interior de uma sociedade que, querendo-se harmônica e democrática, não pode esconder que lida mal com a cor que tem. Por esse motivo, as imagens depreciativas sobre os negros precisam ser reiteradas por estereótipos que asseguram aos não-negros as qualidades negadas aos “de cor” (FONSECA, 2001).

Os estereótipos determinados pela grande mídia, seguem a cultura do branqueamento, excluindo a pessoa negra, à medida que inferioriza esta e supervaloriza aquela. A mídia brasileira intensifica este estereótipo ao reservar aos personagens de profissões de não reconhecimento social (empregada, babá) ou simplesmente de traficante, ladrão e suburbano às atrizes ou atores negros.

Dessa forma a criança negra cresce vendo sua cor sendo comparada ao que é ruim, feio, sujo e a mídia alimentando, maciçamente, a sua inferioridade. O negro vê sua imagem sendo depreciada, e sua auto-estima sendo dia-a-dia subtraída. Por outro lado, a sociedade brasileira continua alimentando, diariamente, a condição de desvalorização em que vive o negro, apesar de várias políticas de reparação terem sido implantadas. Esta forma de definir papéis a pessoa negra, pode contribuir para uma autonegação identitária da população do país, e ligado a isto segue preconceito racial camuflado, a rejeição pela cor preta, minuciosas piadas com o negro e o modelo europeu de beleza imposto pelos meios de comunicação (TV) o comportamento da mídia imposto à sociedade e venerado pela grande mídia, seguindo para uma transformação do negro no diferente, feio e menos inteligente.

Estudo de Fernandes (2007) confirma o que acima mencionamos ao observar que a formação da identidade nacional desde a década de 30 do século XX foi direcionada para transformar o Brasil numa nação branca e europeizada. Por muito tempo acreditou-se que o negro seria um atraso para o país. Essa visão conformou junto com outras estratégias políticas o que se consolidou como o discurso da democracia racial no Brasil. Como afirma o autor “sob a égide da idéia de democracia racial justificou-se, pois, a mais extrema indiferença e falta de solidariedade para com um setor da coletividade que não possuía condições próprias para enfrentar as mudanças...” (FERNANDES, 2007, p. 47).

Nessa perspectiva, compreender as questões do ponto de vista da produção identitária teve significativa relevância em nossa investigação. Fomos dialogar com estudos recentes nesse campo, a exemplo dos estudos de Hall (2006), Ferreira (2008), Paixão e Carvano (2008) quem tratam de concepções de identidade e de identidade racial na sociedade moderna. Contudo, é em Hall (2007) que encontramos a conceituação de identidade que melhor respondeu ao nosso problema de pesquisa. Para ele a identidade é formada e transformada de acordo como somos representados nos sistemas culturais que nos baseamos para o estudo de identidade deste trabalho (HALL, 2007, p.12-13). A essa conceituação de Hall vamos associar a formulação de Sodré (1998) quando diz que a identidade se constrói pulsionalmente, no quadro de um estranhamento subjetivo, interno, mas principalmente a partir de imagens externas que circulam na sociedade midiaticizada em todas as formas industriais possíveis (SODRÉ, 1988, p.).

Referencial Teórico

Mídia, educação e identidade é um tema que vem ocupando espaço no debate educacional brasileiro. Neste contexto alguns estudos e pesquisas vêm discutindo como a mídia e a escola podem contribuir na construção de identidades sociais e culturais. Pesquisa realizada por Chagas (1996) afirma que a auto-estima, base para a construção de uma identidade satisfatória, no grupo negro, é construída através de atributos e categorizações que lhes são conferidas (...). A identidade do negro é atribuída, externamente, com base nos estereótipos criados pelo dominador e introjetados pelo grupo negro. E os meios de comunicação é um dos principais responsáveis por isto.

Douglas Kellner (2001) apresenta em seu livro “Cultura da mídia” um amplo debate sobre o poder da mídia, em particular o de modelar os indivíduos. Nessa obra, um dos seus principais temas trata sobre o modo de como as diversas formas da cultura veiculadas pelas diversas mídias influenciam as pessoas a identificarem-se com as ideologias, posições, representações sociais e políticas dominantes. Para ele a cultura da mídia também fornece o material com que muitos indivíduos constroem o seu senso de classe, de etnia e raça... (KELLNER, 2001, p. 9-11).

Fisher (2003) ressalta a relevância da Televisão (TV) e seu poder de influência nas pessoas, e conseqüentemente, dos alunos que acabam levando para escola o que a imagem televisiva mostra e determina.

Estudo realizado por Ferreira (2008) em diálogo com Hutz (1988) ressaltam que o estereótipo em relação a pessoa negra já vem desenvolvendo, em crianças, na fase inicial da vida escolar. Pois em pesquisa realizada, por Hutz (1988), com crianças brasileiras entre 4 e 6 anos, com relação a sua cor, concluiu que determinados personagens narrados às crianças negras/brancas, acabam desenvolvendo um viés pró-branco. Pois estes personagens que vão para dentro da escola, levados pela mídia, refletem a condição privilegiada que os brancos ocupam.

Ao mapear, no período de 2001 a 2008, algumas produções científicas nacionais, através das publicações da Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Educação (Anped), em específico nos Grupos de Trabalho 16, GT em Educação e Comunicação e GT 21, em Educação Étnico-racial foi possível identificar trabalhos que relacionam mídia, educação e identidade. Foram encontrados alguns trabalhos, no GT 21 e no GT 16.

Encontramos no GT de Educação Étnico-racial pesquisas que não discutem, especificamente, sobre a temática deste trabalho, mas se aproximam ao questionar a representação da pessoa negra no discurso das diversas mídias e como a escola lida com estas representações. O trabalho de Silva (2005), “Racismo Discursivo Na Mídia: Pesquisas Brasileiras e Movimentação Social” tem como objeto os discursos midiáticos brasileiros sobre negros e brancos. Referindo-se ao termo mídia num sentido amplo, compreendendo a produção cultural de massa, em diversas formas e meios.

Ainda no GT 21 encontramos a pesquisa de Passos (2006) intitulada “Jovens Negros: Trajetórias escolares, desigualdades e racismo. O autor faz algumas reflexões sobre a necessidade de se desenvolver pesquisas que tratem sobre a juventude negra e sua relação com escola como problemática. Reflexões estas a partir de análise de entrevistas realizadas em turmas de EJA, com finalidade de analisar as trajetórias escolares de jovens negros com o objetivo de compreender que papéis estes atribuem à escolarização em suas vidas.

Souza (2005) traz para o debate as relações que podem ser feitas entre o conceito de identidade e alguns elementos constitutivos da construção da identidade da população negra e afro-descendente brasileira no contexto escolar. Em sua pesquisa

“Construção da identidade dos alunos negros e afro-descendentes: alguns aspectos”, afirma que quando na escola um aluno chama o outro – o aluno negro - de macaco, tição, que tem um cabelo ruim, vai se construindo e se reforçando uma auto-identidade negativa (SOUZA, 2005, p. 5).

No GT 16 foram encontrados dois trabalhos, um deles o resultado de uma pesquisa realizada por Fischer (2000) “Uma Análise Foucaultiana da TV: das estratégias de subjetivação na cultura”, cujo objetivo foi caracterizar o “dispositivo pedagógico” da mídia, em particular a televisão, julgando que os meios de comunicação constroem significados e atuam, decisivamente, na formação dos sujeitos sociais. Para tal estudo a autora analisou 66 produtos televisivos, entre comerciais, seriados e telenovelas, tendo seus referenciais Michel Foucault e seus conceitos de discurso, sujeito, “técnicas de si”, e, Sarlo e suas reflexões sobre a TV. Este estudo confirma que na própria materialidade discursiva da televisão vivem e transpiram práticas e saberes atrelados a sofisticadas relações de poder, os quais participam efetivamente da produção de sujeitos, da constituição de identidades de criança, menino, menina, mulher, homem, aprendiz, negros, índios, jovens e adultos, brancos, operários, médicos, traficantes, modelos, artistas e assim por diante (FISCHER, 2000, p. 09).

Por fim, o estudo de Fantin (2005) intitulado “Novo olhar sobre a Mídia-Educação”, que discute sobre mídia e escola e chama atenção para a necessidade de construir significados que permitam aos sujeitos situarem-se e organizarem-se no mundo a sua volta, e que a visão desarticulada dos acontecimentos na mídia junto à fragmentação da escola, dificulta tal construção. E isso implica numa reflexão sobre a relação de mídia e escola.

Esses estudos nos levaram a refletir sobre a problemática da relação mídia e escola no processo de identidades raciais, afinal, nossos alunos enquanto espectadores assíduos dos programas midiáticos estão expostos a processos identitários o que justifica a necessidade de estudos nessa temática. Tais estudos de fato podem ajudar a compreendermos como as questões de identidade de raça são vistas na escola, como a escola lida com esse assunto, de que forma a mídia e escola podem contribuir para a autonegação identitária do ser negro.

Metodologia

Pesquisa Qualitativa e educação

Psathas (1973) em diálogo com Bogdan & Biklem (1994) afirmam que os investigadores qualitativos estão continuamente a questionar os sujeitos de sua investigação, objetivando perceber o que eles experimentam, o modo como eles interpretam as suas experiências e o modo como eles próprios estruturam o mundo social em que vivem (BOGDAN & BIKLEM, 1994, p. 51).

Além dessa característica, a abordagem qualitativa exige que tudo seja examinado com a idéia de que nada é trivial, que tudo tem potencial para constituir uma pista a fim de estabelecer uma compreensão que esclareça com mais precisão do nosso objeto de estudo. Tudo é questionado e não escapa à avaliação, pois a descrição utilizada na abordagem qualitativa funciona como método de recolher dados, quando se pretende que nenhum detalhe escape (BOGDAN & BIKLEM, 1994, p. 49).

Sujeitos da Pesquisa

Os sujeitos dessa pesquisa serão alunos de turma de Educação de Jovens e Adultos. Uma vez que estas turmas as quais esses alunos e essas alunas fazem parte são constituídas em sua maioria de pessoas afro-descendentes, muito embora essa

identidade não seja afirmada por todos. Nesse sentido, a escolha será feita a partir de um convite a todos que se dispõem a ser entrevistados, ou seja, são representativos do ponto de vista racial naquelas duas turmas.

Entrevista em Profundidade e Análise de Conteúdo

Na entrevista em profundidade há uma permanente interação entre entrevistado e entrevistador. Segundo Szymanski (2004) é fundamental uma interação humana. Nessa interação estão em jogo às percepções do outro e de si, expectativas, sentimentos, preconceitos e interpretações para os protagonistas: entrevistador e entrevistado. Quem entrevista tem informações e procura outras, assim como aquele que é entrevistado também processa em conjunto de conhecimentos e pré-conceitos sobre o entrevistador, organizando sua respostas para aquela situação. (SZYMANSKI, 2004, p.12).

Já a análise de conteúdo exige que as descobertas tenham importância teórica. Uma informação meramente descritiva não relacionada a outros atributos ou às características do emissor é de pequeno valor. Um dado sobre o conteúdo de uma mensagem deve, necessariamente, estar relacionado, no mínimo, a outro dado (FRANCO 2005, p. 16).

REFERENCIAS

ASSIS, Marta Diniz Paulo de; Canen, Ana. **Identidade negra e espaço educacional vozes, histórias e contribuições do multiculturalismo**. Cadernos de Pesquisa: Revista de Estudos e Pesquisa em Educação. São Paulo , v. 34, n. 123 , p. 709-724, set.-dez. 2004.

BACELAR, Jeferson e CAROSO, Carlos. **Brasil: Um país de negro?** Rio de Janeiro, Pallas, 2007.

BOGDAN, Robert C, e BIKLEN, Sari Knopp. **Investigação Qualitativa em educação: uma introdução á teoria e aos métodos**. Porto: porto Editora, 1994.

CARVALHO, Rosângela Tenório de Carvalho. **Discursos pela interculturalidade no campo curricular da Educação de Jovens e Adultos no Brasil nos anos 1990**. Recife: Bagaço, 2004.

_____. **Análise arqueológica do discurso: um contributo para a pesquisa qualitativa no campo da educação**. In: FARIAS, Maria da Salete e WEBWR, Silke (orgs). Pesquisas qualitativas nas ciências sociais e na educação: propostas de análise do discurso. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2008.

CHAGAS, Conceição Correa das. **Negro: Uma identidade em construção: dificuldades e possibilidades**. 1. ed. Petrópolis: Vozes, 1996.

COSTA, Marisa Vorraber. **Caminhos investigativos II: Outros modos de pensar e fazer pesquisa em educação**. Caminhos investigativos: novos olhares na Pesquisa em Educação. Rio de Janeiro: Lamparina editora, 2007.

_____. (org) **Estudos culturais em educação: mídia, arquitetura, brinquedo, biologia, literatura, cinema...** Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**, Trad. A

FERNANDES, Florestan. **O negro no mundo dos brancos**. 2ª ed. Revista – São Paulo: Global, 2007.

FERREIRA, Ricardo Franklin. **A construção da identidade do afro-descendente: A psicologia Brasileira e a Questão racial**. In. BACELAR, Jeferson e CAROSO, Carlos. (org.) **Brasil: Um país de negro?** Rio de Janeiro, Pallas, 2007.

FERREIRA, Ricardo Alexino. **Negro midiático: construção e desconstrução do afro-brasileiro na mídia impressa.** Revista Usp, São Paulo, SP, n. 62, p. 80-91, mar.-maio 2006

FISCHER, Rosa Maria. **Televisão e educação: Fruir e pensar a TV.** Belo Horizonte: Autêntico, 2003.

FREIRE, Gilberto. **Casa grande e Senzala.** Rio de Janeiro: José Olympio, 1973.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido.** 3ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975. (1ª ed.1970).

GONNET, Jacques. **Educação e Mídia.** São Paulo. Edições Loyola, 2004.

HALL, STUART. **A identidade Cultural na pós-mordenidade.** -11 ed. - Tradução por Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia: Identidade e política entre o moderno e o pós-moderno.** Tradução de Ivone Castilho Benedetti. Bauru, SP: EDUSC, 2001.

MOORE, Carlos. **Racismo & Sociedade: Novas bases epistemológicas para entender o racismo.** _ Belo Horizonte: Mazza Edições, 2007.

MUNANGA, kabengele (org.) **Superando o racismo na escola.** 3. ed. Brasília: MEC, 2001. 202 p.

_____, Kabengele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra.** Petrópolis: Vozes, 1999.

MOREIRA, ANTÔNIO FLÁVIO/ CANDAU, VERA MARIA. **Multiculturalismo: Diferenças culturais e práticas pedagógicas.** _ Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

_____. **A televisão e os adolescentes: A sedução dos inocentes.** São Paulo: Universidade de São Paulo, 1993.

SASONE, Livio e PINHO, Osmundo Araújo. **Raça: Novas Perspectivas Antropológicas.** 2ª ed. Salvador. Associação Brasileira de Antropologia: EDUFBA, 2008.

RIBEIRO, DARCY. **O povo brasileiro: formação e o sentido do Brasil** - São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

SODRÉ, Muniz. **A máquina de narciso: Televisão, indivíduo e poder no Brasil.** 2. ed. São Paulo: Cortez Editora e Livraria Ltda. 1990.

SOUZA, João Francisco de. **A educação de Jovens e Adultos no Brasil e no Mundo.** Recife: Bagaço, 2000.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Retrato em preto e branco. Jornais escravos e cidadãos em São Paulo no final do século XIX.** Companhia da Letras. São Paulo, 2001.

SZYMANSKI, Heloisa (org.), ALMEIDA, Laurinda Ramalho e PRADINI, Regina C. Almeida Rego. **A entrevista na pesquisa em educação e prática reflexiva.** Brasília. Líber Livros Editora, 2004.